

O QUE DEFINE A CLASSE NATURAL DOS VERBOS DE MANEIRA DE MOVIMENTO?

Valdilena RAMMÉ
Universidade Federal do Paraná
val.ramme@gmail.com

RESUMO: Esta discussão se insere em um trabalho que pretende estudar translinguisticamente a expressão de mudança de lugar (movimento direcionado) denotada pelas construções [Vmaneira + Preploc] no PB, no inglês e no francês: “Uma pedra voou no capô do meu carro”. O resultado que esperamos quando interpretamos o uso destes verbos com preposições locativas, é a leitura de que o movimento ou deslocamento ocorre dentro de um único espaço (A), sem que a figura em movimento saia deste lugar de referência para um outro. Como a leitura alternativa evidenciada em nossos dados pode ser licenciada ou denotada pelo verbo, devemos analisá-los cuidadosamente. Assim, apresentaremos neste debate a análise de onze verbos da classe natural dos Verbos de Maneira de Movimento sob a luz da teoria decomposicional de Pinker (1989, 2005), da semântica cognitiva de Talmy (2000) que, além disso, nos traz uma proposta interessante de decomposição da estrutura conceitual das preposições espaciais, e ainda, da teoria sintática de primeira fase de Ramchand (2008), proposta de sistema sintático que integra conceitos de teorias lexicalistas e sintáticas. O estudo até aqui realizado ainda não nos permite afirmar que encontramos indícios para explicar como e/ou por que este tipo de variação acontece, mas nos deparamos com evidências na estrutura conceitual e nos comportamentos sintáticos destes verbos que nos fizeram, acima de tudo, questionar a existência de uma tal classe natural.

PALAVRAS-CHAVE: verbos de maneira de movimento, estrutura conceitual, semântica cognitiva

Este artigo se propõe a analisar o comportamento particular de alguns verbos que compõem a classe dos **verbos de maneira de movimento**¹ em sua interação com as preposições locativas *em* (do francês, *dans*), *sob* (*sous*) e *sobre* (*sur*) na expressão do deslocamento. Especificamente, no campo da expressão do movimento, entendemos como verbos de maneira aqueles verbos que, segundo a classificação de Talmy (2000), através de um movimento de conflação (conflation), realizam no mesmo lexema verbal os elementos semânticos de *Movimento* (Motion) e *Maneira* (Manner). Isto é, esses verbos não só exprimem um movimento/deslocamento no espaço, mas também especificam o modo como esse movimento se desenvolve.

Talmy (2000) acredita que, ao estudarmos a expressão do deslocamento em línguas naturais, sejamos capazes de isolar e classificar alguns elementos dentro do domínio do significado que, relacionando-se entre si, influenciam a forma da estrutura de nossas línguas. “Estes elementos são elementos semânticos (primitivos) do tipo ‘*Movimento*’ (Motion), ‘*Trajectoria*’ (Path), ‘*Figura*’ (Figure), ‘*Fundo*’ (Ground), ‘*Maneira*’ (Manner) e ‘*Causa*’ (Cause), e elementos de superfície como verbo, adjuntos, subordinadas (subordinate clauses), e o que

¹ Nomenclatura de Kopecka, 2009 baseada em Talmy, 2000.

podemos caracterizar como ‘satélite’” (p. 21). A estrutura de uma língua natural seria definida pela relação direta entre os elementos semânticos e os possíveis elementos de superfície através dos quais eles se realizariam. Línguas como o inglês, por exemplo, tenderiam a expressar a trajetória em preposições ou afixos, enquanto que codificam dentro dos seus verbos a Maneira do movimento:

(1) He *swam across* the river.

Por outro lado, línguas como o português codificam dentro de seus verbos a trajetória, e deixam para uma predicação secundária² a especificação da maneira³:

(2) Ele *atravessou* o rio *nadando*.

É comum⁴ dizer-se, portanto, que os verbos de maneira se diferenciam dos verbos de trajetória (movimento direcionado) na expressão do movimento quando esses últimos, pelo mesmo movimento de confluência, expressam no mesmo lexema verbal os elementos semânticos de Movimento e Trajetória, especificando não só o deslocamento no espaço, mas também o seu ponto de partida e/ou seu ponto de chegada (por exemplo, os verbos *entrar* e *sair*).

Há evidências sintáticas para se acreditar na existência destas duas classes, pois nos inglês e no francês os verbos que as compõem se comportam de maneira semelhante aos membros de sua classe, mas distinta dos membros da outra classe. Efetivamente, evidências translinguísticas nos demonstram que é a distinção verbos de maneira de um lado, verbos de trajetória de outro, que define o auxiliar que cada classe de verbos usará na formação do *passé composé*. Enquanto os verbos de trajetória são obrigados a formar o *passé composé* com o auxiliar *être* (ser, estar), os verbos de maneira formam o *passé composé* com o auxiliar *avoir* (ter):

(3) Elle a couru (Ela correu).

(4) Elle est partie (Ela partiu).

Paralelamente, no inglês, os verbos da classe de confluência verbos de maneira permitem a causativização, enquanto que verbos da outra classe (verbos de movimento inerentemente direcionado, como o verbo *ir* não aceitam:

(5) a. The dog ran. (O cachorro correu)

² Como definido no artigo “PREDICADOS SECUNDÁRIOS: RESTRIÇÕES SEMÂNTICAS” de José Foltran (2002). Acesso online à Revista REL, Vol. 58 pelo link: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/18361/11937> em 29/04/2011.

³ Uma pesquisa rápida no *Google* (ferramenta de buscas da Internet) nos mostra que esta afirmação é justa: as frases *I swam across the river*, *Eu atravessei o rio nadando* e *J'ai traversé la rivière à la nage* têm múltiplos resultados. Por outro lado, as conversões literais destas estruturas de uma língua à outra, além de terem pouquíssimos resultados (1 a 3), apresentam somente resultados onde a discussão é exatamente a interpretação estranha de uma estrutura como **J'ai nagé à travers la rivière*.

⁴ Para maiores detalhes sugerimos as leituras de Talmy (2000), Pinker (2008), Ramchand (2005), Jackendoff (1983) e Kopecka (2009).

- b. Bob ran the dog. (*Bob correu o cachorro)
- (6) a. Sue walked home. (Sue caminhou para casa)
- b. Bob walked Sue home. (*Bob caminhou a Sue para casa)
- (Exemplos de Pinker, 1989)

Como consequência, estas observações nos provariam que as classes aqui confrontadas realmente possuem traços semânticos profundos (no caso, os traços de Maneira e Trajetória) projetando estruturas diferentes, e que, portanto, estes traços seriam relevantes para a sintaxe. As nossas últimas leituras, contudo, nos levam a crer que esta taxionomia não se sustenta empiricamente. Ramchand (2005) discorda desta classificação e apresenta uma exaustiva análise de dados empíricos bastante convincente para o abandono de tais classes naturais e propõe um sistema que gera novas classes cujos membros possuem comportamentos sintáticos mais coesos translinguisticamente.

No sistema proposto pela autora, encontramos uma teoria sobre a arquitetura da gramática onde o Léxico não existe como módulo independente com seus próprios primitivos e regras de combinação, mas é, na verdade, um constituinte do módulo sintático. Este módulo é, por sua vez, um sistema combinatório, sistema este que a autora considera universal. Desta forma, partimos da ideia de que existe apenas um módulo combinatório, e não dois ou três, com apenas um grupo de primitivos e um grupo de operações.

Na sua argumentação, Ramchand (2008) discute um dos problemas centrais da teoria Lexicalista: a atribuição de papéis temáticos. Assumindo-se que qualquer coisa pode, hipoteticamente, ser memorizada pelo seu humano, ainda assim encontramos entradas lexicais que simplesmente não existem na língua humana: por exemplo, “um verbo que tenha um agente instigador da ação como objeto direto enquanto que o UNDERGOER passivo surge no lugar de sujeito parece simplesmente não existir”. Para a autora, estas generalizações sobre os tipos de complemento que podem ou não aparecer em certas posições sintáticas são as generalizações que sua teoria da gramática gostaria de capturar. Além disso, Ramchand aponta outros problemas de uma teoria para a classificação de papéis temáticos e suas regras de ligação, principalmente devido à flexibilidade com que diferentes papéis aparecem em diferentes posições da estrutura de um mesmo verbo. Entre eles estão a classe dos verbos assustar/temer (sujeito experienciador vs. objeto experienciador); as alternâncias dativas (objeto duplo); e a alternância spray-load (de conteúdo).

De fato, observando o comportamento linguístico de alguns verbos, nos é possível fazer algumas generalizações sobre o número e os tipos de papéis que um determinado verbo pode tomar, determinando, deste modo, sua transitividade ou capacidade de aceitar alternância. Rejeitando as teorias lexicalistas, ao mesmo tempo em que considera exageradas as posições de Borer (2005) e Marantz (1997b) “para quem nenhuma informação lexical existe” (Ramchand, 2008), Ramchand tentará mostrar que uma vez que “as generalizações seletivas forem propriamente compreendidas e isoladas das condições de felicidade mais heterogêneas e não sistemáticas”, será possível que, por meio da decomposição dos significados verbais, elas sejam representadas em uma sintaxe articulada com uma interpretação semântica sistemática.

A primeira generalização que a autora investiga é a da Causação. A autora acredita que, ao se descobrir os papéis temáticos primitivos, conseguiremos identificar os elementos primitivos da decomposição de um evento e, desta forma, poderemos compreender melhor a composição

destes e suas regras.

A Causação tem ocupado uma posição central no estudo dos componentes do significado, principalmente por apresentar morfologia própria em algumas línguas. Além disso, para a autora, a causa está implicada na distinção argumento interno vs. argumento externo, que tem sido utilizada como uma propriedade definidora de classes verbais.

Ramchand concorda que exista um primitivo subjacente a esta distinção argumento externo vs. interno mas ela definirá este primitivo/categoria abstrata como INITIATOR. Para a autora, todos os papéis temáticos atribuídos ao argumento externo (agente, experimentador, etc) partilham deste mesmo primitivo. Desta forma, a agentividade, apesar de ser importante para a felicidade de uma sentença em certas circunstâncias, não determina diretamente classes sintaticamente relevantes.

Em seguida, Ramchand trata da Telicidade. A discussão central aqui é o fato de o argumento interno quantificado denotar ou não um evento télico. Para a autora, o relacionamento de alguns argumentos com alguns subeventos não é tão direto quanto se imagina.

Primeiramente, dados empíricos mostram que eventos sem argumentos internos ou mesmo com argumentos internos não quantificados podem apresentar o traço [+télico]. Da mesma forma, eventos com o traço [-télico] apresentam com grande frequência, objetos quantificados (para exemplos, ver Ramchand, 2008:25-26). Seu debate rejeita, desta maneira, teorias sintáticas que atribuem ao objeto a função de checar quantificação e telicidade.

Assim, a autora apresenta uma proposta para que façamos distinções mais finas sobre a maneira como os objetos diretos mapeiam para dentro do evento. A primeira ideia central é aquela de PATH (trajetória). Segundo Ramchand, verbos dinâmicos tem uma estrutura parte-todo definida pela nossa percepção humana de noção de mudança. Neste sentido, eventos dinâmicos são mudanças generalizadas análogas às trajetórias espaciais. Argumentos externos estão relacionados ao evento como um todo, argumentos internos, por outro lado, são internos à estrutura de trajetória do evento.

Dentro deste raciocínio, o argumento interno é aquele que sofre alguma mudança, sem que esta seja, necessariamente (como observa a autora) o atingir de um estado final. A mudança pode ser tanto momentânea quanto gradual, pode ser espacial ou sim, um estado final. Para estes argumentos que sofrem uma mudança momentânea ou gradual a autora dá o nome de UNDERGOER (este objeto não necessariamente implica telecidade - telicidade será um encadeamento semântico, dependendo da natureza do objeto, mas não estará codificada na determinação lexical do verbo ou seus reflexos sintáticos).

É a noção de UNDERGOER que, para Ramchand, parece ser responsável pelo pertencimento de um verbo a uma determinada classe (e inclui objetos de verbos de mudança de estado e objetos de verbos de mudança transitória). A nossa lista de verbos apresenta, inicialmente, verbos com estruturas que possuem dois tipos de UNDERGOER. Um primeiro que está co-indexado com o INICIATOR (andar, nadar), e um outro que pode ser independente daquele (pular, rolar).

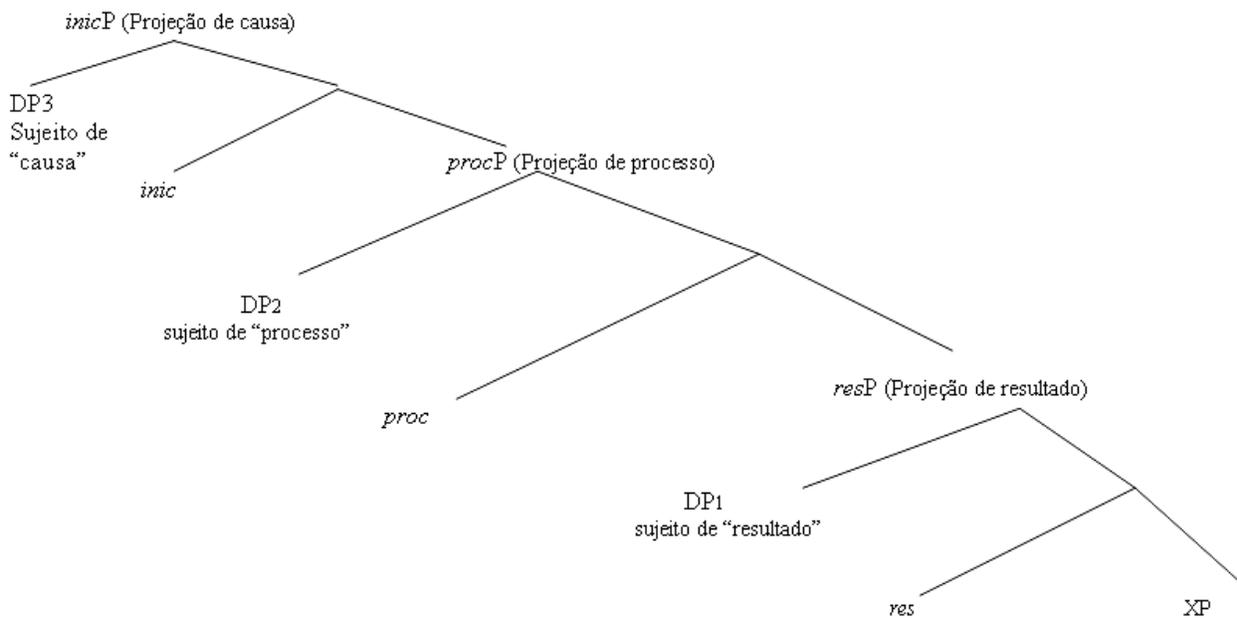
A autora ainda admite ser importante distinguir entre UNDERGOER e PATH. O UNDERGOER será o sujeito (objeto-argumento) da mudança. O outro primitivo PATH definirá uma classe verbal que é diretamente mapeada para sobre a extensão material do objeto. Nestes casos, a *boundedness* ou *unboundedness* do evento dependerá da extensão material do objeto. Entre nossos exemplos, o verbo *correr* pode apresentar também esta estrutura quando toma um objeto direto, como em:

(7) João correu a trilha.

Finalmente, um outro primitivo que surge das suas decomposições é o RESULTEE. Ele define uma classe de verbos que são obrigatoriamente télicos. A hipótese é a de que estes verbos resistem ao teste de atelicidade porque seus objetos já são definidos como carregando um estado final. Eles não passam simplesmente por uma mudança, eles também terminam em um estado final que já é especificado pelo verbo em si (chegar, quebrar, encontrar).

A partir destes primitivos, então, Ramchand contrói um sistema que ela chama de *First Phase Syntax*. Este sistema se apresenta na forma de uma árvore onde os três primitivos INICIADOR, UNDERGOER e RESULTANTE especificam as projeções XP. Nela, os núcleos *inic*, *proc* e *res* são projeções correspondentes aos três subeventos definidos pelos primitivos. Essa representação, ainda, indica uma hierarquia de projeções, explicada pela relação causal existente entre os três componentes. A projeção *procP* é necessária em todos os predicados dinâmicos, pois é a única projeção que indica mudança no tempo. Por sua vez, *inicP* e *resP* são subeventos estativos e não precisam estar, necessariamente, presentes. O núcleo *inicP* está presente quando existe um subevento que expressa causa, uma entidade que inicia um processo. O núcleo *resP* está presente quando há um resultado no evento.

Como esta teoria tem se mostrado interessante no sentido de prometer respostas convenientes para as questões desta pesquisa, estamos atualmente checando nossos verbos em sua estrutura (imagem a seguir).



As primeiras conclusões nos induziram a distinguir pelo menos dois grupos de verbos dentro da classe de verbos de maneira de movimento. O primeiro deles englobaria os verbos que têm um *IncP*, um *procP* e um *resP* co-indexados (o sujeito da causa, o sujeito do processo e o sujeito do resultado - neste caso a mudança de lugar - é o mesmo). O complemento preposicionado, neste sistema, seria um outro nó encaixado na posição XP. Entre os exemplares deste grupo estão os verbos *andar*, *correr*, *nadar*, *escalar* (com seu complemento direto).

Um outro grupo englobaria os verbos cuja estrutura apresentaria também um *IncP*, um *procP* e um *resP* com a diferença de que estes não estão sempre, necessariamente, co-indexados. Todos, aparentemente, também se encaixam em uma estrutura alternativa em que o *IncP* é um sujeito independente dos sujeitos de *procP* e *resP*. Entre os exemplares deste grupo estão os verbos *voar*, *pular*, *saltar*, *rolar*.

Continuando o debate, analisamos individualmente a estrutura de vários verbos de maneira de movimento, com seus significados decompostos à luz duas outras teorias: Talmy (2000) e Pinker (2008). Acreditávamos que, assim, poderíamos verificar, sob outros pontos de vista, a real influência do primitivo semântico Maneira no comportamento sintático dos verbos desta classe. De fato, chegamos à descoberta de comportamentos sintáticos distintos dos membros deste mesmo grupo, fato que nos induziu a crer que somente o traço Maneira não poderia ser definidor desta classe.

Nossa primeira conferição, portanto, levou em conta, mais uma vez, a ocorrência de todos estes verbos com as preposições locativas aqui estudadas. Entendemos que esta etapa é de essencial importância pois, habitualmente, quando interpretamos o uso de um verbo de maneira de movimento com as preposições locativas, temos a leitura de que o movimento ou deslocamento ocorre dentro de um único espaço delimitado (A), sem que a figura em movimento saia deste lugar de referência para um outro, sublinhando somente a maneira como ocorre o movimento sem que haja nenhum traço de trajetória envolvido.

Fato intrigante, o estudo de Kopecka (2009) no francês, no entanto, revelou que essa língua tem a capacidade de interpretar a ocorrência [$V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$] como uma mudança de lugar, onde a figura em movimento sai de um lugar (A) para chegar em outro (B), diferente do primeiro. Efetivamente, a autora constata que 37,7% dos enunciados com a estrutura [$V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$] exprimem mudança de lugar, um número relativamente alto quando, segundo Kopecka, a idéia amplamente difundida é de que esse tipo de construção denota mudança de posição e não exprimiria facilmente a mudança de lugar. Foi exatamente à luz desta descoberta, que nos surgiu a inspiração de averiguar, então, se a nossa língua, sendo de raiz romana como o francês, demonstra igualmente essa dinamicidade na interpretação do uso da ocorrência [$V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$], ou se ela somente apresenta a leitura comumente esperada.

Já em um primeiro rápido exame, percebemos que verbos como *voar* do PB permitem uma leitura de *mudança de lugar* (movimento direcionado) mesmo quando se encontram em construções [$V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$]:

(8) Um pássaro voou na minha janela!⁵

Nestes casos, como já mencionamos, não podemos atribuir à preposição a mudança de leitura locativa para uma leitura de trajetória: preposições locativas estáticas “não carregam nenhuma noção de movimento de maneira inerente” (Bonami, 1999).

Outra evidência a esta restrição encontra-se no fato de o inglês ser muito mais inflexível que o PB em aceitar que preposições locativas denotem mudança de lugar quando associadas aos verbos de maneira de movimento.

Ramchand (2008, após exautiva análise de dados empíricos do inglês e do russo) admite que uma preposição de lugar - PlaceP - pode denotar alvo do movimento (Goal of motion), mas somente se o verbo em si licenciar independentemente a projeção de um núcleo *res*. Desta forma,

⁵ Exemplo encontrado em <http://withwingstofly.blogspot.com/2011/07/danca-das-galinhas.html>. Acesso em 18/10/2011.

“para o inglês, verbos sob uma interpretação pontual⁶ permitem que uma preposição locativa simples nomeie uma localização final:

- (9) (a) Micheal pushed the car in the ditch.
 (b) *Micheal danced Karena in the room. (Exemplos de Ramchand, 2008:115)

Desta forma, a nossa primeira empresa entre tantas análises consistiu em examinar os verbos de maneira de movimento (andar, correr, etc) na perspectiva da teoria decomposicional de Pinker (1989) com o objetivo de encontrar indícios para entender como e/ou por que este tipo de variação entre leitura locativa vs. trajetória (quando a preposição locativa denotaria o lugar alvo do movimento) aconteceria e, principalmente, talvez encontrar a regra que a licenciaria.

Uma análise decomposicional levaria em conta os mecanismos lingüísticos e cognitivos que interpretam corretamente a leitura mais apropriada em uma dada situação das estruturas aqui examinadas. A motivação desta análise não foi sintática posto que as sentenças analisadas não são estruturalmente ambíguas do ponto de vista sintático. Sabendo disso, a hipótese é que a ambiguidade se encontra numa estrutura mais profunda: a Estrutura Conceitual do Verbo.

Em conformidade com todas as teorias aqui resenhadas, Pinker (1989: 166) também propõe que existe apenas “um pequeno conjunto de elementos e relações semânticas que é muito menor que o conjunto de distinções salientes cognitiva ou culturalmente e que significados verbais são organizados ao redor destes elementos. (...) Processos lingüísticos, incluindo regras lexicais que estendem verbos a novas estruturas argumentais seriam sensíveis somente a partes das representações semânticas cujos elementos são membros deste pequeno conjunto. Este conjunto consistiria de símbolos que carregam conteúdo cognitivo como CAUSA (Causation) e LOCALIZAÇÃO (Location), mas nem todos os conceitos cognitivamente relevantes seriam membros do que Pinker chama de ‘Maquinário Semanticamente Privilegiado’” (Pinker, 1989:166). Talmy (2000) igualmente aponta que existem alguns (e não todos) significados ou conceitos na estrutura conceitual de cada verbo que são relevantes para a sintaxe.

Os verbos *correr* e *nadar*, por exemplo, pertencem à classe de Verbos de Maneira de Movimento. Ambos carregam os conteúdos cognitivos de *movimento não direcionado* e de uma *maneira específica*: de “rapidez”, no caso do primeiro, e “em meio líquido”, no segundo caso. Destes traços cognitivos e semânticos, porém, os únicos relevantes para a estrutura, isto é, para permitir ou bloquear regras lexicais ou outros processos lingüísticos e sintáticos são os traços de MOVIMENTO e MANEIRA. A maneira específica em que o movimento acontece (com rapidez ou em meio líquido) não interfere na estrutura.

De fato, os elementos conceituais que poderiam aparecer nas representações de um verbo são ilimitados. Entretanto, como Talmy (2000) sugere, raramente línguas processam nos significados verbais conceitos como “humor”, “atitude do falante” ou “cor” dos participantes de um evento. Certamente, verbos particulares podem processar um ou outro destes conceitos (avermelhar – *redden*), mas esta distinção não se aplica a uma larga quantidade de verbos, não é realizada por morfemas de classe fechada e, principalmente, não os diferencia em subclasses relevantes sintaticamente.

Pinker (1989) propõe, desta forma, uma lista de conceitos que, sim, são processados nas estruturas conceituais verbais, que se aplicam a uma larga quantidade de verbos, que são realizados por morfemas de classe fechada e, principalmente, que diferenciam verbos em

⁶ O verbo *voar* não poderia, contudo, ser interpretado como tal, e conseqüentemente, não teria sua leitura alternativa explicada por esta hipótese da teoria.

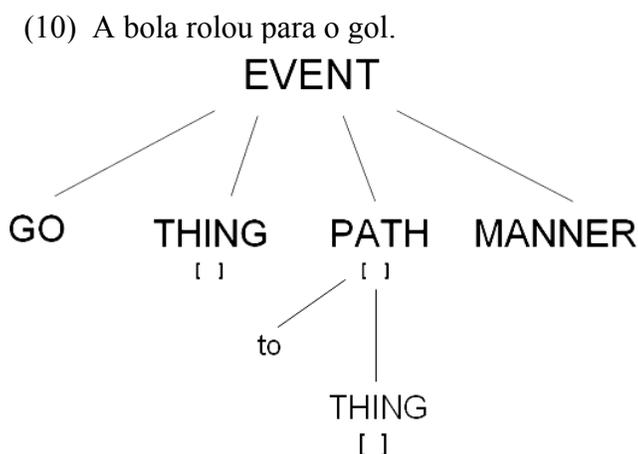
subclasses relevantes sintaticamente. São eles: o “evento principal”: Estado ou Movimento; trajetória, direção e localização (location); Causa; Maneira; propriedades de um ator (agente) ou tema; distribuição temporal (aspecto ou fase); propósito/intenção; coreferencialidade (“personação”); e valor de verdade (polaridade e factividade).

É levando em conta todos estes conceitos que Pinker (1989) propõe “Uma teoria de Representação de Estruturas Semânticas Gramaticalmente Relevantes”. As estruturas conceituais (profundas) dos verbos seriam então formadas por um número bastante limitado de constituintes: EVENT, STATE, THING, PLACE, PATH, MANNER e PROPERTY (Nomenclatura baseada nas categorias conceituais ou ontológicas de Jackendoff (apud Pinker, 1989: 176 e 246)) relacionados entre si por quatro tipos de funções que definiriam tipos distintos de eventos. Funções como ACT e GO definiriam *atividades* e *accomplishments*, enquanto que Funções como BE e HAVE definiriam *achievements* e *estados*.

A representação proposta para tais estruturas é arbórea e cada categoria conceitual se realizaria na sintaxe como uma categoria específica (Pinker, 1989: 179): NPs representariam principalmente THINGS; PPs seriam PLACES e PATHS; VPs seriam EVENTS e STATES; e APs seriam PROPERTIES. “Estas regras de correspondências especificariam como Sintagmas (Phrases) podem denotar constituintes semânticos” (Pinker, 1989, p. 179). Deste modo, “estruturas de sentenças são bem formadas somente se elas contém sintagmas correspondentes às categorias conceituais selecionadas pelo verbo”. (Pinker, 1989, p. 179).

Por sua vez, *Linking rules* (regras de ligação), mapeariam cada posição argumental desta estrutura conceitual para a sintaxe. Na representação arbórea, os colchetes indicam onde há um lugar aberto na sintaxe a ser preenchido por algum sintagma. Todavia, os constituintes e funções que compõem a estrutura conceitual dos verbos não precisam necessariamente ser realizados sintaticamente.

Como se verá nestas representações, não há distinção na notação de cada constituinte, porém a sua posição na árvore é muito importante. O primeiro constituinte é sempre a função que define o evento: GO, ACT, BE ou HAVE. Neste caso, a função GO possui os traços +dinâmico/–controle, ACT é +dinâmico/+controle, BE é –dinâmico/–controle e HAVE é –dinâmico/+controle. Observe-se a representação do exemplo (7):



Nessa imagem, vemos o evento do verbo *rolar* como sendo constituído de uma Função GO (representando um movimento dinâmico sem controle) seguida de constituintes que representam os argumentos do verbo. O primeiro constituinte depois da Função é o argumento interno do

verbo (objeto direto) introduzido por uma Função **THING** com colchetes representando um espaço a ser preenchido por um sintagma nominal segundo as regras de correspondência discutidas anteriormente. Mais à direita, o elemento introduzido pelos constituintes **PATH** ou **PLACE** é um argumento interno indireto com espaço para um sintagma preposicional acompanhado de um sintagma nominal.

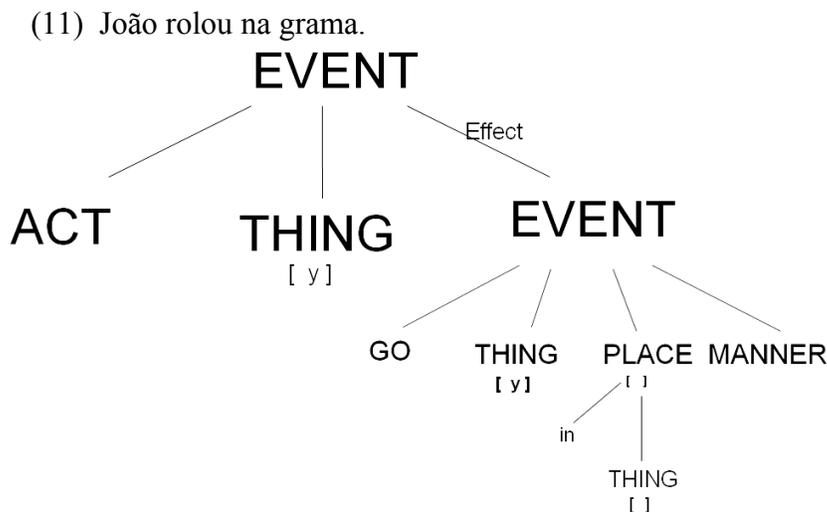
Portanto, no exemplo acima, o primeiro constituinte **THING** deste evento é realizado sintaticamente como o SN “A bola”, o constituinte **PATH** é a preposição “para”, e o segundo constituinte **THING**, que está encaixado no **PP**, é o sintagma nominal “o campo”. Note-se que o constituinte **PATH**, por sua vez, projeta uma Função “to”. Aparentemente, estas Funções ligadas aos constituintes **PATH** e **PLACE** definem o tipo de preposição que um determinado verbo pode aceitar, e determinam o tipo de trajetória ou localização de um objeto, por exemplo. Os nomes destas Funções são as preposições “to”, “in”, “at”, “on”, “under”, e assim por diante, do inglês.

Porém, é importante ressaltar que elas não devem ser consideradas como as preposições em si que serão concretamente realizadas na sintaxe. Como Pinker (1989) adverte, os nomes destas Funções são apenas mnemônicos que devem ser considerados como simples representantes de uma configuração muito mais complexa que será codificada por uma ou por outra preposição. A configuração da Função “to”, por exemplo, pode encontrar-se codificada nas preposições *para* e *até* do **PB**.

Como veremos mais adiante, é exatamente nesta Função que residirá nosso problema. Em vários exemplos analisados para este trabalho, há um choque entre a Função projetada pelo verbo e a preposição que é realizada sintaticamente. Olharemos para este problema com mais atenção na sequência.

A vantagem e originalidade de uma tal representação, como se confirmará, é a possibilidade de se enxergar alguns argumentos comumente considerados oblíquos, como, na verdade, complementos dos verbos de movimento.

O argumento externo não aparece nesta estrutura, e quando é preciso acioná-lo, ele entra como o primeiro argumento de um **EVENT-ACT** onde a estrutura mais básica do verbo, o *effect* (efeito), é encaixado:



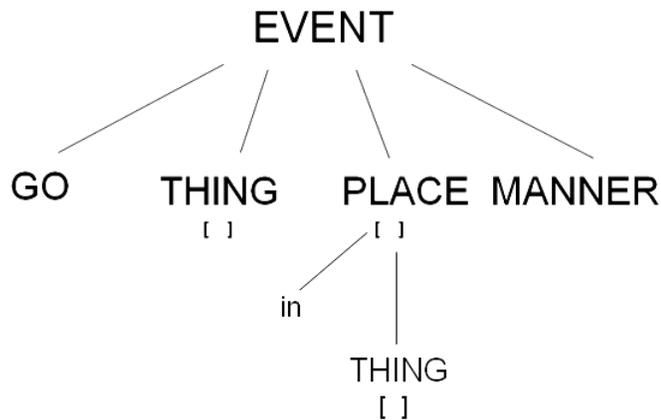
Observe-se que os colchetes sob os primeiros constituintes **THING** de cada evento são co-indexados e preenchidos por um mesmo símbolo *y* indicando que se trata do mesmo sintagma nominal na representação sintática final. Neste caso, *João* é tanto o agente do evento quanto

aquele que sofre o efeito da ação. A partir desta visualização, podemos perceber porque é difícil definir, em algumas teorias, o papel temático do sujeito sintático de um verbo como *andar* ou *rolar*: seria ele experienciador ou agente da ação de *rolar*? Como fica visível nesta representação, ele seria ambos.

Partindo para a análise de vários representantes dos Verbos de Movimento de Maneira, vemos que, apesar de pertencerem à mesma classe de confluência, alguns verbos se comportam distintamente no tipo de estrutura que podem aceitar, isto é, no tipo de alternância que licenciam.

Decompondo os exemplos (13), (14) e (15), percebemos que os verbos *rolar*, *pular* e *saltar* aparecem tranqüilamente na estrutura anticausativa (causa ausente) – exemplos (13) e (15) – e causativa sem objeto direto – exemplo (14). Não entraremos no mérito da conceitualização de Causa porque tal discussão foge ao escopo deste trabalho. Neste momento, é suficiente entender que para Pinker (1989) a Causa é representada em uma estrutura EVENT-ACT (onde ACT carrega o traço +controle) na qual um evento mais básico sem controle é encaixado através de uma operação *effect* (efeito) no evento superior⁷. Podemos visualizar esta representação em (14). Um evento anticausativo está representado em (15):

(12) A bola rolou no campo.

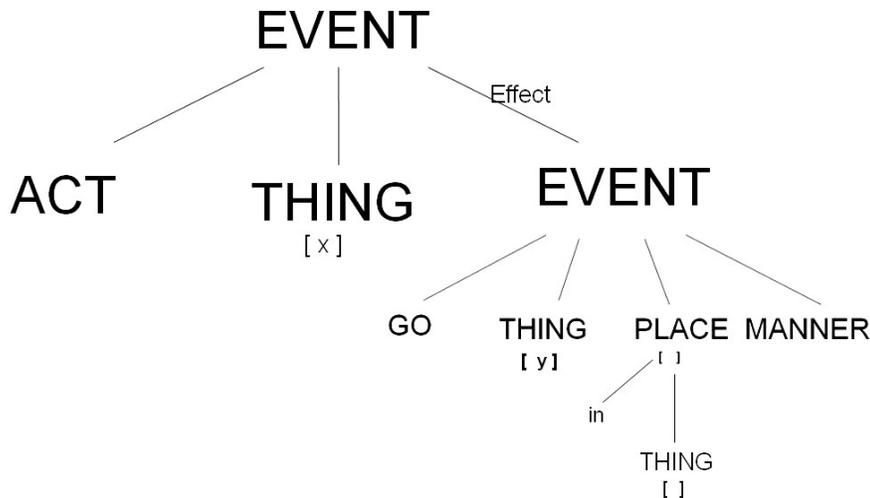


(Note-se que neste exemplo, a Função “in” do constituinte PLACE é totalmente compatível com a preposição locativa “em” do PB).

No entanto, somente o verbo *rolar* parece aceitar a estrutura causativa com objeto direto:

(13) João rolou a bola no campo.

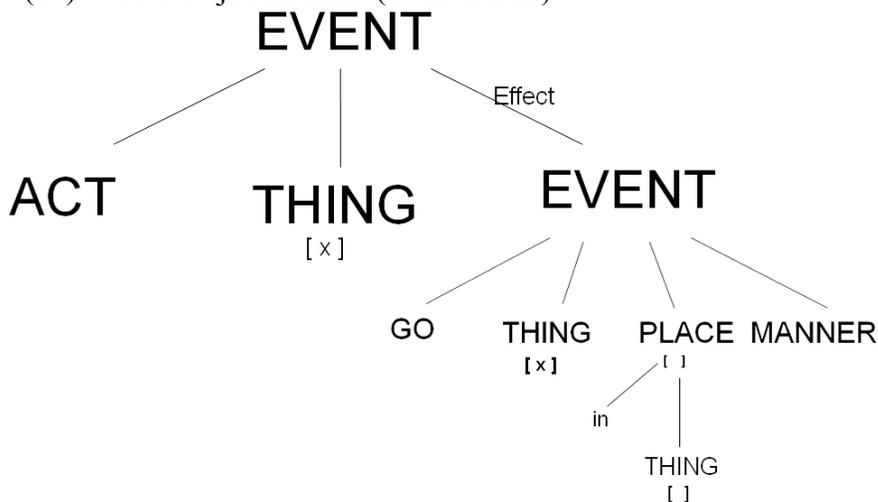
⁷ Quando a interação causal é do tipo estendida (da nomenclatura de Talmy (2000): *Extended causation*), teremos um evento STATE-ACT ou ACT estativo (Pinker, 1989: 200). É o caso de frases como “A bola continuou rolando”. Como este tipo de evento não é tratado pelo atual recorte, deixaremos esta discussão para um outro momento.



Não encontramos exemplos no PB em que os verbos *pular* e *saltar* apresentem uma estrutura similar⁸. É importante notar neste exemplo que os primeiros constituintes THING de cada EVENT possuem índices distintos (x e y), significando que se realizam sintaticamente como sintagmas diferentes – neste exemplo, x = “João” e y = “a bola”.

Em seguida, notamos que verbos como *andar*, *nadar* e *rastejar* apresentam somente a estrutura causativa sem objeto direto, como é o caso do exemplo (14), analisado acima, e dos exemplos a seguir:

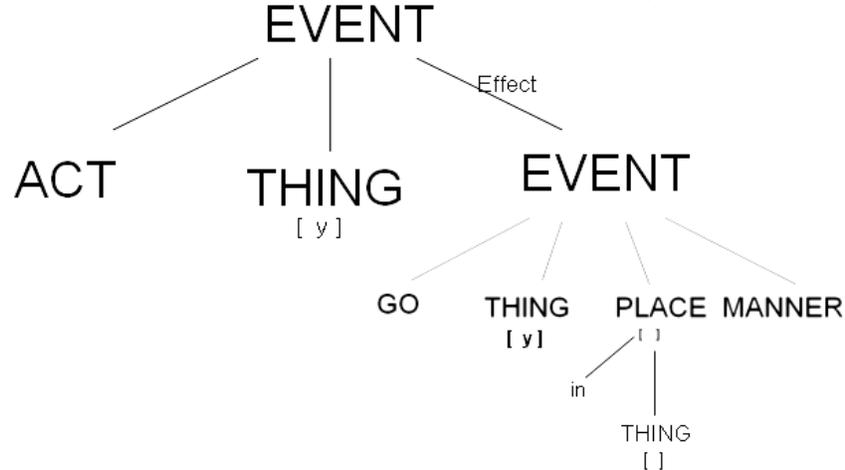
- (14) João nadou na piscina (do clube).
 (15) João rastejou na lama (ao meu lado).



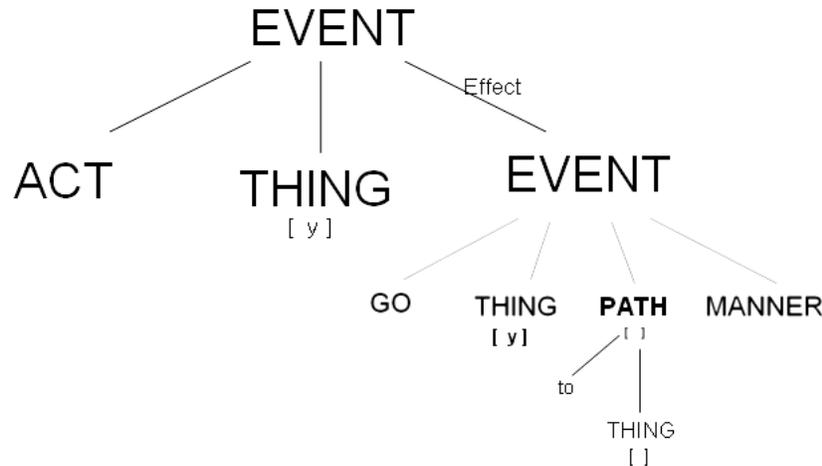
Chegando ao principal fenômeno que nos moveu a estas análises, nos deparamos com o verbo *correr* que apresenta a estrutura causativa sem objeto como em (16) – e da mesma forma que os verbos *andar*, *nadar* e *rastejar* – mas, e é este o problema em questão, licencia a ambiguidade de leitura Locativa vs. Trajetória, aceitando na representação sintática uma preposição locativa *em* que entraria em choque com a Função “to” assinalada pela estrutura do verbo, como veremos no exemplo (17).

⁸ * *João saltou/pulou a bola* não significa que João fez a bola saltar/pular, agindo sobre ela e a colocando em movimento. Talvez a única leitura possível seria a de que João teria saltado por sobre a bola.

(16) Joãozinho correu no mercado / João correu no parque.



(17) João correu **no** mercado (comprar uma coca). (Leia-se: Foi até o mercado correndo)



Infelizmente, nesta teoria não encontramos nenhuma explicação para este fenômeno. Aparentemente, a leitura alternativa deveria ser bloqueada pela Função que é projetada na estrutura do verbo. Ainda, a atual hipótese não discute a natureza do objeto como possível definidor do tipo de Função que o verbo pode selecionar.

Uma primeira hipótese seria de que este tipo de ambiguidade só é licenciado pelos verbos de Maneira de Movimento que aceitam habitualmente tanto a estrutura com o constituinte PATH e sua Função “to” como a estrutura com o constituinte PLACE e sua Função “in” (hipótese que corrobora a tese de Ramchand (2005)). Assim sendo, verbos como *correr*, *pular* e *voar*, que apresentam frequentemente as duas estruturas licenciariam mais facilmente a leitura alternativa e/ou a ambiguidade, enquanto que verbos como *andar* e *nadar* aceitariam somente a estrutura com o constituinte PLACE e sua Função “in” e, portanto, não dariam pretexto tais interpretações⁹. Todavia, não analisamos exemplos suficientes para afirmar uma tal norma. Há muito trabalho a ser feito neste sentido ainda.

⁹ **João andou para casa* não é uma frase comum no PB. Podemos encontrar variações como *João andou até em casa* ou *João andou até o fim da rua*, mas temos a impressão que elas são menos frequentes que sentenças como *João andou na praia* ou *João andou no parque*.

Intrigantemente, o verbo *voar* apresenta ainda uma outra particularidade. Muitas vezes, este verbo aparece em estruturas como no exemplo *Um cisco voou no meu olho*, e mesmo com a preposição locativa, a única leitura licenciada é a de Trajetória, onde a preposição locativa entra em choque com a Função atribuída pelo constituinte PATH assinalado para o evento. De fato, mesmo que ele apareça em estruturas causativas como *O passarinho voou no jardim* ou *Um passarinho voou na janela*, a leitura passa a ser, pelo menos, ambígua.

Como o verbo *escalar* só aceitaria, no PB, a estrutura causativa, e como, neste caso, o constituinte PATH que se encontraria na estrutura do verbo não seria realizado na sintaxe, ele ficou fora de nossa discussão.

É evidente que esta primeira análise decomposicional das estruturas conceituais dos Verbos de Maneira de Movimento não nos permitiu resolver a suposta ambiguidade de algumas estruturas [V_{maneira} + Prep_{loc}] no PB. No entanto, ela iluminou questões como a de por que para alguns verbos o sujeito sintático pode ser ao mesmo tempo agente e experienciador do evento denotado pelo verbo. Ainda, percebemos que esta classe de confluência pode apresentar verbos que licenciam diferentes tipos de estruturas no PB, o que fortalece a atual teoria de uma estrutura conceitual profunda, e ao mesmo tempo, enfraquece a ideia de uma classe homogênea de verbos de maneira de movimento.

Ainda, em outra análise, consideramos a teoria da Causação como proposta por Talmy (2000) em seu livro *Toward a Cognitive Semantics Vol. 1*, onde o autor sugere uma grande hipótese da Causação que vai além da ideia de Causa como um primitivo irreduzível e que leva em conta noções da teoria de Dinâmicas de Força (Force Dynamics). Conseqüentemente, estudamos a aplicabilidade das categorias ali apresentadas como um possível traço definidor de algumas classes verbais do inglês como sugerido em Pinker (2008), comparando seus testes e afirmações com exemplos do português brasileiro (PB).

Para sua taxionomia, Talmy (2000) sugere que na base dos jogos de força mais complexos está a oposição de duas forças. Esta relação dual se dá entre duas figuras às quais Talmy dá o nome de Agonista e Antagonista. Cada figura possui uma tendência de força intrínseca, que também tende a ser marcada de forma dual na língua: uma tendência interna ao movimento versus uma tendência ao descanso, ou ainda, uma tendência à ação versus uma tendência à inação. Talmy (2000a) empresta os termos Agonista e Antagonista da psicologia.

Na língua, a figura chamada Agonista é o foco da atenção. Em uma determinada relação de forças, é a capacidade do Agonista de manifestar sua tendência intrínseca de força ou o fato de ser superado pela força do Antagonista que estão sendo observados.

Ainda, a língua parece ser sensível para o que poderíamos chamar de duração da aplicação da força. Isto é, diferenciamos situações em que o resultado da relação de forças apenas coloca em movimento/repouso uma determinada figura e situações em que uma aplicação ou ausência contínua de força mantém a figura em movimento/repouso. Por fim, é importante ressaltar que, embora haja sempre o envolvimento de pelo menos duas forças antagônicas nestas interações, como o foco da atenção está no Agonista, a expressão do Antagonista na superfície não é obrigatória. Aliás, em muitos tipos de relação causal, o Antagonista fica apagado.

O que nos interessa neste instante é uma outra análise interessante apresentada no mesmo capítulo: a proposta de que o sistema de dinâmicas de força pode ser expandido para além do domínio físico possuindo assim um papel mais genérico na língua. Essa expansão possibilita, por exemplo, um tratamento semântico de interações psicológicas. Para o autor, a “psicodinâmica

linguística generaliza noções físicas de *puxar*, *bloquear*, e assim por diante para o *enquadramento* de tais conceitos em verbos como *querer* e *evitar/abster-se de*".

O autor então propõe um complexo sistema de relações psicodinâmicas onde o conceito base é o *self dividido*: onde uma parte do self atua como o Agonista e outra parte atua como o Antagonista. No exemplo do autor, "*Ele quer abrir a porta* parece ser concebido em termos de uma *pressão* psicológica, *empurrando* em direção a realização de algum ato ou estado". Podemos encontrar no inglês e no PB expressões que justificariam a defesa de tal teoria. É o caso dos pronomes reflexivos no PB:

(18) Ele *se* absteve de responder.

(19) Eu *me* obriguei a sair da cama cedo.

Ainda, há que se considerar que o self não é dividido em partes iguais, mas sim em partes com papéis diferentes: um Agonista representando o desejo íntimo do self ou um estado psicológico interior, e um Antagonista, uma outra parte que é a internalização de valores sociais como sentimento de obrigação ou necessidade. Consequentemente, no embate de forças de dois seres animados (*sentient*) teremos uma conjuntura mais complexa de relação de forças: dois selfs divididos se confrontando, onde cada self dividido precisa ser visto como um Agonista ou Antagonista completo, a relação de forças acontecendo, desta forma, em dois níveis.

No último capítulo de seu livro, Talmy (2000a) aventura-se a apresentar uma classificação dos diferentes tipos de situações causativas de acordo com suas representações na língua. Uma das teses defendidas no capítulo é a suposição da universalidade das situações e elementos semânticos ali dissecados. Estes conceitos básicos estariam em todas as línguas e variariam de língua para língua em "onde, quão explicitamente, e quão necessariamente tais noções são expressas na superfície" (p: 471). A análise se desenvolve, desta forma, com a apresentação de uma estrutura sintática para cada tipo de situação causativa semântica.

Primeiramente, faz-se a distinção daquilo que é causação linguística e daquilo que não se encaixa no critério. No caso, a noção linguística de causa não pode ser entendida da mesma maneira que a noção científica de causa aplicada ao mundo físico. A língua pode, através de suas entidades tais como as sentenças, especificar eventos que não apresentem nenhuma causa, como em:

(20) A água está vazando do tanque.

Fisicamente, no entanto, seria impossível não levar em conta a pressão da gravidade sobre a água como causa do vazamento. No estudo aqui apresentado, tais frases especificam um evento autônomo e são consideradas como não-causativas.

Como muitas frases causativas e não-causativas possuem a mesma estrutura sintática, o autor nos propõe um teste que toma esta mesma ambiguidade sintática como fator dinstintivo para destacar o componente básico de uma situação causativa.

O teste em inglês é a junção de um *by-Vping clause* (*ao realizar tal ação*). Observe uma adaptação do teste para o seguinte par de sentenças do PB:

(21) Eu vi o tanque esvaziar.

(22) Eu fiz o tanque esvaziar.

Ao acrescentarmos a cláusula *-ndo* que carrega uma causa, teremos uma frase estranha e outra perfeitamente natural:

(23) *Eu vi o tanque esvaziar *tirando o tampão do fundo*.

(24) Eu fiz o tanque esvaziar *tirando o tampão do fundo*.

Em seguida, se acrescentarmos uma cláusula *-ndo* que não carregue uma causa, teremos um resultado natural e outro agramatical (a menos que você possua poderes sobrenaturais):

(25) Eu vi o tanque esvaziar lendo um livro.

(26) * Eu fiz o tanque esvaziar lendo um livro.

Através destas observações, percebemos que nos exemplos (23) e (25), os dois exemplos de situações não-causativas, o evento principal – ver o tanque esvaziar – ainda aconteceria tendo o evento secundário acontecido ou não. Paralelamente, no exemplo (24), percebemos que o evento principal depende do evento secundário, e se aquele não acontecesse o primeiro não aconteceria também - daí a agramaticalidade de (26).

Assim, podemos concluir que para que uma situação seja considerada causativa, o evento 2 só pode acontecer se o evento 1 acontecer, e que o evento 2 nunca aconteceria se o evento 1 não tivesse acontecido. Em contraste com a definição de uma situação autônoma ou não-causativa, como exposto anteriormente, temos neste caso o protótipo de uma situação causativa básica. Em seguida, teremos a dissecação do que é a situação causativa mais básica, segundo o autor, e dos critérios que a definem.

A situação causativa básica precisa apresentar três elementos: dois eventos simples - um deles sendo o evento causado e o outro, distinto do primeiro, o causador; e uma relação causal entre eles. Prototipicamente, o evento causado é a Figura e o evento causador é o Fundo da situação causativa global. Desta forma, o evento causado aparece primeiro na estrutura sintática – é normalmente o sujeito da sentença – e o evento causador aparece depois. Ainda, segundo o autor, a relação causal mais básica é “como resultado de”, como em:

(27) ?O vaso quebrou como resultado da bola que eu joguei nele
(da bolada que eu dei nele?).

Observe-se que tal relação pode ser representada por elementos de classe fechada também: “*por causa* da bolada que eu dei nele”.

Além destas características, um dos fatores mais importantes para uma situação causativa ser considerada como tal é que o evento causador tenha alguns elementos em comum com o evento causado. Se decompormos os dois eventos simples em elementos ainda mais básicos – *A bola quebrou o vaso* e *O vaso quebrou* - percebemos que o componente Fundo no evento causador (o vaso) é também o objeto que funciona como Figura no evento causado, e que a figura do evento causador (a bola) entra em contato de exercício de força com este objeto. Notamos que os objetos que funcionam como Figura e Fundo do evento causado são a Figura e o Fundo em relação a situação causativa global e que o objeto que funciona como Figura do evento causador (a bola) funciona como Instrumento da situação causativa global – *Eu quebrei o vaso com a bola*. E por fim, podemos dizer que na sua forma mais básica, a situação causativa pode ser um ponto ou uma extensão de tempo, a duração do evento causado coincidindo perfeitamente com a

duração do evento causador¹⁰.

Considerando todos estes aspectos, a classe dos verbos de maneira de movimento do PB inclui verbos que expressam um evento simples, em uma situação causativa autônoma, que aceitam causativização. Há, no entanto, dentro desta classe, pelo menos dois tipos distintos de verbos: aqueles que expressam movimentos inerentemente humanos - como nadar, andar, correr, rastejar etc – e aqueles que expressam movimentos autônomos – como rolar, deslizar, etc.

Os verbos destas duas subclasses apresentam, desta forma, comportamentos sintáticos distintos da outra classe, mas semelhantes dentro delas. Verificamos, por exemplo, que os verbos de movimento inerentemente humano expressam a causativização do tipo self-dividido, onde uma parte da psyche impele o corpo físico ao movimento. Por ser do tipo de causa que se encontra oculta no interior do ser, esses verbos não aceitam a introdução de um sujeito externo que represente causa direta na mesma granulação – como em **João nadou/correu/andou/rastejou Maria*.

Os verbos que aparecem na situação não-causativa autônoma aceitam sem problemas a causativização, quando respeitados os critérios: **mudança gestáltica**¹¹, **contato direto** e **intenção**. Portanto, podemos dizer naturalmente: *A bola rolou* e *João rolou a bola*. Assim, verbos como escorregar e cair, só aparecem na estrutura autônoma, já que ferem o critério de **intenção**: *O copo caiu* versus **João caiu o copo*.

O intrigante, contudo e mais uma vez, é o verbo *voar*. Ele pode aparecer tanto na construção causativa do tipo self-dividido, como em *A andorinha voou* ou *João voou para Miami*, quanto em situações não-causativas autônomas como em *Um cisco voou no meu olho*. Mas, apesar de não ferir nenhum critério da causativização, não podemos dizer algo do tipo: *João voou a pedra/bola*.

Além disso, persiste uma ambiguidade sintática no exemplo: *Joana rolou escada abaixo*. Há duas leituras para este evento: em uma delas Joana se atirou escada abaixo. Nesta leitura, podemos dizer que se trata de uma situação causativa, posto que temos volição e intenção por parte do sujeito. Porém, em uma leitura alternativa, Joana pode ter sido empurrada. Neste caso, não podemos considerar tal evento como causativo, e a frase só denota uma situação autônoma, o sujeito da ação sendo ocultado por uma mudança gestáltica e o sujeito da sentença sendo o que Talmy (2000a) chamou de *Undergoer*¹².

Concluindo, é importante ressaltar que todas as observações aqui ilustradas são bastante iniciais e precisam de muito mais testagem e reflexão, em um estudo mais profundo e, de preferência, coordenando várias línguas naturais. Nós continuaremos esta empresa com o objetivo de, a partir de agora, esmiuçar as listas das contrapartes do PB para os verbos em inglês e francês, testando-os à luz de novas teorias¹³.

¹⁰ Segundo a terminologia do autor, evento considerado como exprimindo *onset causation*.

¹¹ Por mudança gestáltica entendemos a mudança de foco sobre o evento; seguimos Pinker (2008) cujas pesquisas o levaram à conclusão de que os critérios sutis aos quais as crianças (e conseqüentemente, todos os seres humanos) são sensíveis são três conceitos cognitivos: o objetivo humano, no caso das inversões gestálticas: mudança de foco sobre o evento – foco no resultado versus foco no agente ou instrumento, por exemplo; a natureza geométrica e a natureza física dos objetos e dos eventos do mundo.

¹² É importante sublinhar que os conceitos de *Undergoer* de Talmy (2000) e Ramchand (2005) não são os mesmos, apesar de compartilharem algumas propriedades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERG, M. 2005. O Comportamento semântico lexical das preposições no português brasileiro. 128f. Tese de Doutorado, UFMG.
- BONAMI, . 1999.
- CORRÊA, R.; CANÇADO, M. 2006. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 14, p. 1-25.
- CASTILHO, A. 2004. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In Negri, L., Foltran, M. J., Oliveira, R. P. (orgs): *Sentido e Significação (Em torno da obra de Rodolfo Ilari)*. São Paulo: Ed. Contexto, 11-47.
- DOWTY, D. R. 1979. *Word meaning and Montague Grammar: The semantics of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht et al.: D. Reidel Publishing Company.
- HAY, J. KENNEDY, C. LEVIN, B. 1999. Scalar Structure Underlies Telicity in “Degree Achievements”. In Mathews, T. and D. Strolovitch (eds.): *SALT IX*, CLC Publications, Ithaca, 127–144.
- JACKENDOFF, Ray (1983). *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press.
- KOPECKA, A. 2009. *L'expression du déplacement en français : l'interaction des facteurs sémantiques, aspectuels et pragmatiques dans la construction du sens spatial*. *Langages* 173, pp. 54-75.
- KRIFKA, M. 1998. The origins of telicity. In: S. Rothstein (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- PINKER, S. 1989. *Learnability and cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge, MA, US: The MIT Press.
- _____. 2008. Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras.
- RAMCHAND, G. C. 2008. *Verb meaning and the Lexicon: a first pahse syntax*. New York: Cambridge University Press.

¹³ Acabamos de começar uma leitura que promete grandes respostas: *An Exhaustive Lexicalisation Account of Directional Complements* de Antonio Fábregas, University of Tromsø.

ROTHSTEIN, S. 2004. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell Publishing.

TALMY, L. 2000. *Toward a Cognitive Semantics*, vol.1 e 2. Cambridge MA: MIT Press.

TENNY, C.L. 1994. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Kluwer: Dordrecht.

Universidade Federal do Paraná. 2007. Sistema de Bibliotecas. *Normas para apresentação de documentos científicos, 3. CITAÇÕES E NOTAS DE RODAPÉ*. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR.

Universidade Federal do Paraná. 2007. Sistema de Bibliotecas. *Normas para apresentação de documentos científicos, 4. REFERÊNCIAS*. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR.

VENDLER, Z. 1957. "Verbs and Times", *Philosophical Review* 56, 143-160.